

# A FOLHA

28 DE MAIO  
DE 1906

# A FOLHA

ORGAM LITTERARIO NOTICIOSO

ANNO I

Parahyba do Norte, Segunda-feira, 28 de Maio de 1906

NUMERO 4

## EXPEDIENTE

Publicação Semanal

VENDA AVULSA

Numero do dia — — 100 réis  
Numero atrasado — — 200

Acceptam-se assignaturas:

Capital—Trimestre: — — 23000  
Interior — — — — — 38000

PAGAMENTO ADIANTADO

A redacção não se responsabilisa pelos artigos publicados na COLUMNA DO POVO.

Toda nossa correspondencia deve ser dirigida para Rua da Cathedral n.º 2.

## O CUMPRIMENTO DO DEVER

Mirados neste principio de Justiça, congregados em um só pensamento, em torno desse grande ideal, que constitue uma força, porque representa uma bandeira, é que rompemos o silencio em que os espiritos, num meio em que o espirito esclarecido e intelligente dos moços, estagnava, sedento de uma escola, onde podesse manifestar os seus sentimentos patrióticos.

O nosso jornal, pequeno e modesto, mas grande e poderoso, pela grandeza e vastidão de nossas crenças, vem preencher essa lacuna, vem derrocar esse obstaculo que nos opprimia e deitar por terra o mal que nos subjogava a um rebaixamento de caracter sem par, com o que não se adapta e nem se submete a mocidade sã e criteriosa do presente seculo.

Apparecemos hoje na arena com o nosso programma em alguns pontos modificado.

Animados pelo amor sincero que devotamos a sublime arte de Guttemberg, havemos de pelejar com todas as forças de nossos corações de moços, onde jamais o desanimo e a fraqueza teve pouxada, para elevar alto e bem alto a missão sublime da imprensa.

Moldaremos o nosso periodico conforme os progressos do jornalismo moderno, excluindo de suas columnas as criticas pessoaes e pequeninas, que rebaixam em vez de elevarem a nobre missão que está confiada a imprensa.

A nossa escola não é e nem será jamais moldada em principios subversivos, em que o caracter é posto em jogo.

Jamais a direcção espiritual desta folha, cederá a sugestões de

quem quer que seja, porque o nosso escopo é elevado, o nosso fim honroso: fazemos da verdade o nosso luminoso pharól e da Justiça o nosso immaculado pallio.

Em beneficio da terra gloriosa que nos servio de berço, em prol do seu progresso, alevantamento moral e intellectual, estão as nossas pennas.

Com todo o ardor que a ha-se em nossos corações de moços, jamais corrompidos pelo virus terrivel das paixões desordenadas, defenderemos as causas santas, apoiaremos os nobres ideaes, proclamando com a força que nos caracteriza, os sagrados principios do direito.

A mocidade sempre ativa e serena, marcha desasombradamente como um forte combatente, sem curvar a espinha dorsal.

O nosso objectivo é grande, sublime e nobilitante.

## A MOCIDADE

Lago risonho circumdado de verdejantes montanhas que serreflectem na planicie das aguas, debuchando os tons alacres e os matizes iriantes das florestas: eis o que é a alma da mocidade.

Lago risonho, porque tem a superficie pura e chrystallina das aguas mansas, promptas sempre a reproduzirem a cor do céu, como a alma reproduz os variados aspectos da consciencia universal. Circundado de montanhas porque em torno da mocidade se erguem as altivas construcções do espirito humano a mirar-se no espelho da sua alma.

Cathedral augusta, na qual penetra o sentimento de todos os credos e officiam os sacerdotes de todos os ritos! A mocidade não cerra as suas portas á invasão de qualquer ideal generoso. Antes, ella appella todos os que pretendem concorrer com dedicação e vontade para a fixação definitiva do bem. Vibra no seu espirito a nota magica da liberdade, sem a qual não se levantam idéas nem florescem pensamentos e principios.

Nós somos como a mocidade de que somos orgão. Reflectimos todas as matizes da consciencia dos moços. Offerecemos uma tela, onde se veem brilhar todas as nuanças dos sentimentos generosos e dos pensamentos grandes.

Pedimos o concurso de todos que pretendam concorrer para a alvorada rubra do civismo nas linhas do nosso programma.

A divergencia de opiniões ex-

pressa com os tons superiores que a educação infunde, não é obstaculo a que accéitemos a collaboração de todos.

Pedimol-a e esperamol-a.

## Deputado Simeão Leal

O SEU REGRESSO

Conforme era esperado chegou hontem, da Capital Federal, o festejado politico, cujo nome encima estas linhas.

A's 7 horas da manhã já era grande o numero de amigos e correligionarios do querido politico, que na estação da *Great Western* aguardavam o trem para ir abraçar em Cabedello, o esforçado representante do povo parahybano, na camara federal. Com a demora que houve na sahida do comboio a agglomeração crescia a cada momento, de modo que os três carros especiaes, contractados pela commissão, seguiram litteralmente cheios.

EM CABEDELLO

Nessa encantadora povoação, onde o coqueiral verde e sombrio offerecia uma nota alegre e deslumbrante, o trem chegou ás 10, 1/2.

Anciosos dirigiram-se todos para o ponto de desembarque, já encontrando-se em terra o recém-chegado, em companhia de seus distinctos companheiros, drs. Alberto Maranhão e Eloy de Sousa, illustrados representantes do visinho Estado do Norte, na camara do Paiz. Trocados abraços de affectuosidade, foi queimada uma estrepitosa gyrandola de foguetes. No hotel do digno cavalleiro, major João Victalliano aguardou o dr. Simeão, com os seus innumerados amigos, a partida do trem que tinha de conduzil-os a esta cidade. Na partida para o trem nova gyrandola fendeu os ares.

NA GREAT WESTERN

Eram 12, 1/2 quando o silvar da locomotiva deu signal de entrada, na estação, rompendo em lindas marchas, as bandas musicas da policia e da marinha, cedidas gentilmente pelo exc.<sup>mo</sup> presidente do Estado e pelo brioso cap.<sup>mo</sup> de corveta George Americano Freire. A plataforma da estação central estava repleta de amigos e admiradores do dr. Simeão, destacando-se logo a figura sympathica do benemerito presidente do Estado, Monsenhor Walfredo Leal; o desembargador Antonio Balthar, chefe de policia e dr. Pedro Pedroza, secretario

de Estado, que foram os primeiros a dar o abraço de boas vindas ao jovem politico.

Por falta absoluta de espaço deixamos de mencionar os nomes que nos foi possivel tomar nota, das pessoas que foram á Cabedello e acompanharam o Dr. Simeão até a sua residencia.

Emquanto as notas alegres das bandas de policia e da marinha saudavam a entrada triumphante do festejado politico, os abraços dos amigos eram trocados, cada qual mais affectuoso, e estrondosa e prolongada gyrandola rompia o silencio do espaço, em pleno sol de meio dia.

Acompanhado por todos sahio a pé o dr. Antonio Simeão até a residencia do seu digno sogro, deputado Severino Regis, onde foi servido lauto almoço.

Em sua passagem pela praça General Bento da Gama foi queimada uma grande gyrandola de foguetes; na cidade alta, quando o dr. Simeão entrou na rua Peregrino de Carvalho, enorme foguetaria rompeu o ar.

O ALMOÇO

Devido achar-se a familia R eis enlutada pela recente morte de um de seus mais venerandos membros, o almoço não tomou um caracter festivo; não se notou ahi a nota alegre dos banquetes; nenhum brinde foi trocado.

As mais finas iguarias e os mais excellentes licores encontravam-se na grande mesa em forma de T.

DURANTE O DIA E A NOITE

Em visita ao querido politico estiveram na residencia do C Severino Regis, os seguintes cavalleiros: Exc.<sup>mo</sup> Monsenhor Walfredo, Presidente do Estado, ex.<sup>mo</sup> desembargador Antonio Balthar, chefe de Policia, dr. Pedro Pedroza, secretario de Estado, major Maximiano Machado, officia de Gabinete da presidencia, dr. João Machado, secretario da policia, dr. Arthur Quadros, vice-governador do Estado do Maranhão e importante commerciant desta praça, dr. Flavio Marojo, inspector da saúde do porto, dr. Eutiquio Autran, juiz de direito da 1ª vara desta capital, dr. Arthur dos Anjos, promotor publico da capital, dr. Izidro Gomes, advogado, dr. Joaquim Hardman, medico, c.<sup>el</sup> Tito Silva, administrador da Imprensa Official, Azebiades Silva, contador dos correios, major Aprígio Mindell, conferente da Alfandega, dr. Carlos Cavalcante, secretario do Conselho da Relacção, c.<sup>el</sup> C

## Cofre Literario

### ESCU...TA...

Ao Alvaro Velloso.

Eu quero ver meu anjo, um riso teu amado  
Illuminar-me a estrada inteiramente escura,  
Como um pharol de luz suavemente pura,  
Como a estrella que guia o nauta desnordeado.

Dá-me teu riso casto, ó lyrio immaculado,  
Santa de meu viver, divina creatura,  
No teu sorriso meigo, «ó cética feitura,  
Habita docemente o amôr divinizado.

Quero ver meu porvir brilhar no teu sorriso  
Quero ver no teu labio um doce paraíso  
E o sol de minha vida em teu olhar fulgente.

Quero amarte... e depois, ó santa idolatrada  
Ver minh'alma seguir-te ardente, apaixonada,  
Como o lyrio gentil levado na corrente.

Parahyba,—26—902.

AMARO NUNES.

### AGUA MINERAL

Os senrs. Eduardo Fernandes & C.<sup>a</sup>, honrados negociantes desta praça, remetteram tres meias garrafas de agua mineral, de Santa Rita, do Estado do Rio de Janeiro, preparada pelos srs. J. Araujo & C.<sup>a</sup>, negociante desse mesmo Estado.

Podemos garantir ser a agua mineral natural de Santa Rita, de optima qualidade, sendo mesmo superior a todas essas aguas mineraes que conhecemos.

A agua dos srs. Eduardo Fernandes & C.<sup>a</sup> é bastante approvavel ao paladar e deve ser procurada por todos aquelles que soffrem de incommodos no orgão estomacal e outras enfermidades. Agradecemos a delicada offerta.

### FRAGMENTOS Á RUTH

Eram moços e amavam-se. Viviam no doce aconchego do lar, enebriados na ventura que gosavam, tornando-se felizes.

Elle era loiro e bonito, tinha uma basta cabelleira e era poeta; ella era morena e gentil, seus olhos castanhos, seus labios carados, suas faces rosadas estavam em completo desaccôrdo com os labios e as faces pallidas do seu querido esposo.

E todavia amavam-se, adoravam-se e felicidades para um não existiam se o outro não fosse feliz.

E assim vivia, Ruth, assim aquelle casal passava a vida, quando um dia a morte veio roubar a existencia do pallido poeta.

...a gentil companheira

Os juizes vacillam entre a he-  
diondez do crime e o movel que  
o ditou e, quando se faz a vo-  
tação secreta, a urna da morte  
tem tantos seixos como a urna  
da absolvição.

Minerva toma o altar um dos  
seixos que restam e vae depô-lo  
na urna da vida, absolvendo Ores-  
tes.

Desde então, diz a lenda, ficou  
o uso de desempatar as decisões  
em favor do réu e a esse voto  
deu-se o nome da deusa.

Do Areopago a praxe passou  
á lei escripta e a Archonte, rei  
que presidia, coube esse facil  
dever.

O direito moderno, erguendo  
em principio que a duvida fosse  
sempre favoravel ao accusado, não  
podia deixar de sancionar esse  
uso tradicional.

Eis a origem e a razão de ser  
do voto de Minerva.

### PELAS LETTRAS

Temos em nossa banca de tra-  
balho uma esplendida «Monogra-  
phia» do conceituado estabeleci-  
mento de instrucção do visinho  
Estado do Sul, conhecido pelo  
nome de «Instituto Pernambu-  
cano».

Foi fundado esse estabeleci-  
mento pelo illustrado lente da  
Faculdade de Direito do Recife,  
actualmente deputado federal, Dr.  
Virginio Marques, sendo dirigido  
pelo intelligente e esforçado Dr.  
Candido Duarte, provector edu-  
cador da mocidade.

O Instituto Pernambucano é  
um optimo estabelecimento de  
instrucção.

### Comprinidos Vermifugos

Dos Snrs. Vieira & C.<sup>a</sup> acre-  
ditado Pharmaceutico da Praça  
do Recife, recebemos um vidro  
do seu preparado «Comprinidos  
Vermifugos» cuja efficacia é at-  
testada por Facultativos de me-  
dicamento.

Agradecemos aos Snrs. Vieira  
& C.<sup>a</sup> a delicadesa da offerta.

### NA LYRA

(Entre cantores do sertão)

Foi n'uma tarde de inverno  
Que eu vi o diabo estourar,  
Lá muito perto do Inferno,  
Lá onde findava o Mar!

Seu João você stá mentindo,  
Deixe de tanta mentira,  
Não conte a historia sorrindo  
Senão desafino a Lyra.

Dizem que um homem medonho  
Da Capitã Federã,  
Teve um sonho, um bello sonho  
Que o mundo ia se acabá!

E' verdade mesmo agora  
O vapor que vae p'ra o Norte,  
Veio contando uma história  
Que houve um duello de morte!

Acredito e estou com medo  
Que isto não venha por cá  
Porque abala um penêdo  
Tão grande como não há!

Um Sr. Dr. Pinheiro  
Que é homem p'ra toda luta,  
O abalou o mundo inteiro  
Com sua horrivel disputa!

Mas me diga meu amigo  
Qual dos dois ficou vencido?  
Lhe respondo sem perigo:  
Bitencã ficou ferido.

E' sempre o mundo enganado  
Grande coragem sem fim!  
Machado é bicho amolado,  
Pinheiro não cae assim!

VIAJOR.

### COLUMNA ALEGRE

SONHO ALLEGORICO

Um operario, dado ao vicio da  
embriaguez, e que por isso mes-  
mo deixara que a miseria inva-  
disse o seu lar, sonhou uma noi-  
te que viu correrem em sua di-  
recção quatro ratos, sendo o pri-  
meiro muito gordo, os dous ou-  
tros muito magros e o quarto  
cêgo. Sendo muito dado á super-  
stição, pediu a sua esposa lhe dêsse  
a explicação do sonho.

A mulher embaraçou-se e não  
decifrou o sonho; mas um filho

vistas e sem amigos decididos,  
representa uma musica sem pan-  
cadaria.

### Duelo musical

Era uma noite fria, uma noite  
silenciosa, o espirio publico tal-  
vez gelado, divagava pela treva  
dos quartos solitarios... Nem uma  
estrella no Céu... A tréva amen-  
drontava tudo, fasendo-nos divi-  
sar pelas curvas da rua negras  
visões, pavorosas sombras, espiri-  
tos perdidos pela immensidade  
do espaço...

Tudo dormia... como agrada-  
vel surpresa rebentou uma onda  
de harmonia...

Ergui-me do leito...  
Era um duelo musical.  
A requinta nuns dôces gorgeios,  
parecia trinolejar, perder-se pelos  
ares, como um concerto alegre  
de patativas errantes... Era uma  
musica celeste...

Dois ternos de musica se de-  
batiam—a 29 de Julho e a Me-  
chanica, despertando entre accor-  
des suavissimos de terna harmo-  
nia a população da Rua Direita,  
que ao certo sentia n'alma o almo  
desejo de alar-se aos mundos  
ignotos, onde a ventura habita  
divinisando o espirito.

E debateram-se os ternos de  
musica e o duello travou-se forte,  
heroico...

E o resultado não sei, o caso  
é que o duelo do Rio, echoou

Temos as noites consagradas  
a esses festejos e, portanto, não  
é de boa pratica com tanta an-  
tecedencia, estarem os desoccu-  
pados a incommodarem os nos-  
sos ouvidos.

Contamos ser attendidos na  
justa reclamação que ora endere-  
çamos ao digno Dr. Balthar.

A bordo do paquete S. SAL-  
VADOR passou hontem, com  
destino ao Estado do Pará, onde  
vai occupar o cargo de capitão  
do Porto, o distincto official de  
marinha, capitão de mar e guerra,  
Pereira e Souza, que nesta cida-  
de esteve algumas horas em vi-  
sita aos seus presados collegas,  
capitão de corveta Jorge Ameri-  
cano Freire e Capitão Tenente  
Aristides Mascarenhas, capitão  
do Porto e immediato da escola  
de aprendizes marinheiros desta  
cidade.

Para o visinho Estado do Nor-  
te, passaram hontem, a bordo do  
S. SALVADOR, os illustres re-  
presentantes daquelle Estado, na  
camara federal, drs. Eloy de Sou-  
za e Alberto Maranhão, onde vão  
assistir á chegada do eminente  
brasileiro conselheiro Affonso Pen-  
na, presidente eleito da Repu-  
blica.

Consta-nos que juma commis-  
são da benemerita sociedade "Ar-  
tista Mechanicos", tendo a fren-  
te a sua excellente banda, vão  
comprimentar hoj-

Para Batalhão seguio, no sabba-  
do ultimo, o intelligente moço  
Celso Mariz.

### TROVAS

Esta vida é uma chimera,  
Cheia de desiluzões,  
Passa sempre a primavera  
Devastando corações.

Na vida tudo termina,  
Tudo padece na vida  
Devemos cumprir a sina  
Em pesares diluida.

### AMCR

UM RETHORICO.—O amor é uma  
figura por meio da qual dizemos  
umas vezes o que não sentimos  
e outras o que não dizemos.

UM PHARMACEUTICO.—O amor  
é uma pilula muito amarga, ado-  
çada por fóra para que não re-  
pugne ao paladar.

UM ADVOGADO.—O amor é o  
pleito da vida.

UM PRESTIDIGITADOR.—O amor  
é uma escamoteação da verdade.

UM ACROBATA.—O amor é um  
salto mortal.

UM MEDICO.—O amor é uma  
enfermidade rara, que requer para  
cada caso um tratamento espe-  
cial.

UM PHILÓSOPHO.—O amor é o  
nada envolta numa illusão.

**Pinto Regis & C.<sup>a</sup>**

CASA IMPORTADORA DE GENERO DE ESTIVA

Neste estabelecimento encontra-se sempre grande deposito de todas as mercadorias, quer estrangeiras quer nacionaes.

Rua Maciel Pinheiro n.º 21—Parahyba

**FABRICA PLANETA****PAULA BASTO & C.<sup>a</sup>**

Grande manufacturas de cigarros de fumos escolhidos \* \* \* \*

Deposito dos mais afamados charutos de **STANDERT & C.<sup>a</sup>**, grande fabrica bahiana \* \* \* \*

Tem sempre á venda piteiras para cigarros e charutos, carteiras etc, etc.

Rua Maciel Pinheiro

**MUNDO ELEGANTE**

Neste importante estabelecimento encontra-se a

venda

Perfumes finisimos, Chapéus, sedas,

quinquilharias e muitos outros objectos raros de empolgar o espirito do freguez.

**AO MUNDO ELEGANTE**

RUA MACIEL PINHEIRO

**COMPLETO SORTIMENTO**

DE

**ARTIGOS RELIGIOSOS,****LOUÇAS VIDROS E MOVEIS**

João de Lyra Tavares

RUA MACIEL PINHEIRO n. 76.

PARAHYBA

**SAPATARIA PESSOA**

Rua Maciel Pinheiro e 5 de Agosto